



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

DISTOPIA EM EMINÊNCIA PARDA

Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: goretteferreira@yahoo.com.br

Cláudia Rocha da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: claudiarocha@uneb.br

Luzimare Almeida Pilôto
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: luzimare@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Muitos e variados são os modos que nos constituem enquanto sujeitos. Com a democratização do acesso às novas tecnologias, expomo-nos e somos expostos a modos diferentes e variados que intervêm na nossa formação. Grande parte do que nos é repassado por meio da mídia nos induz a um padrão de comportamento que tende a acentuar e a reforçar um padrão europeu (branco) de comportamento, fruto ainda de processos que nos foram expostos desde a época da colonização. No que se refere à questão do racismo, por exemplo, apesar da falsa ideia que nos é passada e reforçada pelos meios midiáticos, de que a discriminação para com os negros foi algo superado e nosso país, que abarca povos de todo o mundo e cultura diversa, tem uma “democratização” racial, é possível perceber que, no dia-a-dia, tudo que nos é passado por todo esse aparato tecnológico reforça mais ainda um comportamento de segregação. Precisamos lembrar, conforme Baptista e Rosemberg (2008), que “o contexto sócio-histórico de produção, circulação e consumo de discursos raciais no Brasil contemporâneo apresenta diversos componentes a serem destacados” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p 74). Os autores chamam a atenção que fomos o país que mais importou escravos africanos no período escravagista e o último país a abolir a escravidão negra, especificamente em 1888; reforçam ainda que apesar de sermos a segunda maior população negra mundial, sendo superada apenas pela Nigéria e, das relações raciais no país serem “cordiais” ou “democráticas”, “convivemos com intensa dominação branca sobre outros segmentos étnicos-raciais no acesso a bens materiais e simbólicos” (BAPTISTA; ROSEMBERG ,

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

2008, p.74).

Nessa direção, ao tratarmos sobre racismo, abarcamos, simultaneamente, em consonância com os autores estudados, “suas expressões material (dominação sistemática de um grupo racial por outro) e simbólica (crença na superioridade intrínseca ou natural de um grupo racial sobre os demais)” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p. 74). A mídia, entendida por esses pesquisadores como produção cultural de massa, em diversas formas e meios, “participa da sustentação e produção do racismo estrutural e simbólico da sociedade brasileira uma vez que produz e veicula um discurso que naturaliza a superioridade branca, acata o mito de democracia racial e discrimina os negros” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p. 74), inculcando vários estereótipos marcados, simbolicamente, ao longo dos tempos.

Em direção oposta a esse movimento midiático que reforça padrões “brancos” e silencia a cultura “negra”, encontramos no rap e, especificamente, nos videoclipes produzidos a partir destes, um movimento contrário ao que muitas vezes é reforçado pela mídia em geral. Aqui destacamos o modo como é construído o enredo do videoclipe de *Eminência parda*, que nos leva a várias reflexões sobre a forma como o negro é visto por essa sociedade que se diz “democrática” e sobre os estereótipos revelados a cada momento da cena.

No tocante aos estereótipos sobre os negros, Mussa (1989) afirma que surgiram na literatura do século XVII. Esses estereótipos são ancorados “na percepção sensorial do negro pelo branco” e são expressos, em geral, em sintagmas curtos, a exemplo de “expressão bestial”, “cinga africana”, “dialetos da indecência” (MUSSA, 1989, p. 73). Baptista e Rosemberg (2008) apontam, entre outros, alguns estereótipos, tais como “bom crioulo”; “preto velho”; o “escravo nobre”; o “negro vítima”; “negro revoltado”, “violento, cruel e rebelde”; o “negro revoltado”; o “malandro”; o “negro pervertido”; a “mulata sensual”.

Imbuídas nessa linha de pensamento apresentada pelo movimento musical Hip Hop, especificamente o rap, que favorece reflexões e produz quebra de certos padrões sociais e estereótipos que revelam um grau de distopia e “as contraofensivas no mundo atual”, propostos neste Colóquio, sobretudo neste Simpósio, analisamos, no presente artigo, o videoclipe da música *Eminência Parda*, lançado em 9 de maio de 2019.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Pretendemos analisar o clipe na sua conjugação entre letra da música e aspecto visual, fílmico, com objetivo de reconhecer estereótipos referentes aos negros, construídos historicamente, discutindo como são utilizados, principalmente, na mídia para determinar lugares subalternizados destinados aos negros; e discutir a importância do rap, em particular no videoclipe *Eminência Parda*, no que toca às questões aqui pontuadas, identificando atitudes consideradas possíveis de romper com o lugar que, historicamente, foi imposto aos negros, de modo a abordar a distopia, a barbárie e as contraofensivas no mundo atual, conforme proposto por este Simpósio. Passemos aos aspectos metodológicos que mobilizamos a fim de descrevermos os caminhos utilizamos na análise do corpus escolhido.

METODOLOGIA

Analisamos o clipe *Eminência Parda*, na sua conjugação entre letra da música e aspecto visual. O videoclipe, produzido pelo Laboratório Fantasma Produções, tem como roteiristas Emicida e Leandro HBL, que também assume a direção. A música integra o álbum *Permita que eu fale*, de autoria de Emicida Rapper, um dos rappers mais conhecidos e conceituados no meio artístico. No clipe, é cantada por esse rapper, Jé Santiago, Papillon, que assinam a autoria da música. Além dos três, Dona Onete também participa.

Valendo-nos de uma análise qualitativa, metodologicamente, descrevemos as cenas do clipe para, paralelamente e/ou após, interpretá-las com base nos estudos aqui apresentados. Fundamentamos nosso estudo em teóricos como Baptista e Rodrigues (2008).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O videoclipe da música *Eminência Parda* descreve uma noite de comemoração na vida de uma família negra. A cuja do casal concluiu o curso superior e, por isso, vão a um restaurante jantarem. Ao adentrarem no local, são recebidos por olhares de estranhamento e aversão, até mesmo de indignação pela presença. No rosto de todos os clientes, que são brancos, há um questionamento: O que essas pessoas negras estão fazendo aqui? Como ousam estar aqui? Tais atitudes dos clientes brancos nos levam a

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

refletir sobre os motivos pelos quais os negros são encarados de forma avessa, estranha, discriminatória. Por que o incômodo e até indignação com a presença dessas pessoas? Na sequência das cenas, quando os membros da família, constituída de forma tradicional, por um pai, uma mãe e dois filhos (um rapaz e uma moça) passam a beber, comer e conversarem, de forma alegre, se dá, no clipe, o fantástico deslocamento no texto visual: os pais e filhos são vistos como moradores de rua que são usuário de drogas; “selvagens”, que comem vorazmente os alimentos, na imagem projetada para o “filho”; “criminosos”, portanto, representando o perigo de roubarem bens preciosos dos demais clientes e “abusadores” que atacam mulheres indefesas na visão de uma das clientes com relação ao “pai”; “negra sensualizada” na imaginação de alguns clientes homens sobre a “mãe”, que é vista como “prostituta”, agindo de forma erótica e sensual para atrair os homens. É retomado também a condição do negro como “escravo”, de “serviçais” visto por muitos clientes como aqueles que deveriam ser levados ao tronco acorrentados sem comida ou sequer bebida para matar a sede. Por fim, a chacina e a exterminação por meio da chacina, a condição de eliminação e exterminação da raça negra.

As projeções apontam para uma série de estereótipos, conforme estudos de Baptista e Rosemberg (2008), construídos historicamente por uma elite branca para enquadrar os negros e excluí-los socialmente, no intuito de manter privilégios conseguidos à base de um longo processo de violência física e psicológica, iniciado O videoclipe retrata o não- lugar ocupado pelas famílias negras, visto que a família personagem do clipe transgride/rompe com esse lugar pré-determinado e possui as condições exigidas para frequentar lugares privilegiados/elitizados, a exemplo do restaurante no qual vão comemorar a conclusão do curso superior da filha do casal. Os olhares de repulsa lançados pelos frequentadores do local, não à toa todos brancos, retratam o incômodo pela presença de uma família negra, bem sucedida.

Pela conjugação entre letra e vídeo, compondo a tessitura do clipe, os rappers têm tido um papel relevante na produção de novos dizeres sobre o negro, sobre sua história. Nesses dizeres, o negro é sujeito de sua história.

CONCLUSÕES

A elite branca brasileira permanece racista e colonizadora, não se libertou do

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

estigma da escravidão e ainda busca manter os grilhões aprisionadores dos negros. Todavia, onde houve (e ainda há) violência, a resistência se faz presente.

A arte negra, na qual o videoclipe *Eminência Parda* se inscreve, é representativa dessa contra-ofensiva. O rap aqui analisado apresenta uma série de elementos dessa resistência, traduzidos nos ideais do pan-africanismo, nas figuras de Thomas Sankara e Marcus Garvey, citados direta ou indiretamente na letra da música; na referência à ancestralidade e na espiritualidade de base africana, ressignificada após a travessia atlântica, na reescrita da história, pelo olhar do negro, na auto-afirmação identitária - “Foco e atenção na nossa ascensão”, canta Papillon - e na luta pela sobrevivência nessa sociedade diastópica para a população negra, onde o racismo mata cotidianamente dezenas de seres excluídos mesmo “antes de nascer”. Afinal, como canta Emicida, “Sou eu mirando e matando a klu, só quem driblou a morte pela Norte saca, que nunca foi sorte, sempre foi Exu”.

Aliadas à linha deste Simpósio, a expectativa dos autores estudados, dos rappers de *Eminência Parda* e também a nossa “é que essa nova geração de ativista e pesquisadores negros (e brancos anti-racistas) consigam povoar o imaginário brasileiro com novas imagens” (BAPTISTA; ROSEMBERG, 2008, p.112).

PALAVRAS-CHAVE: Videoclipe; Rap; Racismo; Distopia; Resistência.

REFERÊNCIA

MENDES, Gabriel Gutierrez. O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, [S.l.], v. 14, n. 27, ago. 2015. ISSN 2175-4977. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17872>. Acesso em: 30 maio 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/2175497717872>.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Flávia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun A. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2008, p.73-117. <https://www.youtube.com/watch?v=fXHpmuPJ4Ks>, acessado em 26 de maio de 2019.

SOARES, Thiago. Videoclipe, o elogio da desarmonia: Hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação. In: *Intercom*, Porto Alegre, 2004.